

Heterogeneidades

Estão reunidos neste volume atemático de **Scripta** textos que dirigem múltiplos olhares para os estudos literários e linguísticos e algumas de suas interfaces. Ao reuni-los, buscamos demonstrar a diversidade temática própria da área, a multiplicidade de objetos de estudo, a pluralidade teórica que transita pelos campos dos estudos Linguísticos e Literários. Compostos de elementos distintos em sua natureza e em suas características, reunidos, passam a “sentar-se à mesma mesa”¹ e contribuem para formar um corpo ao mesmo tempo único e diverso, orgânico e fragmentado.

Como eixo a perpassar todos os escritos ora apresentados, entendemos que há alguns liames perceptíveis: os processos dialógicos de construção (tessitura) dos diversos discursos e (inter) subjetividades que, inapelavelmente, passam pela relação *eu* e *outro*, como parâmetro da produção e recepção dos textos, quer os da esfera literária, da midiática, da acadêmica ou de outra que seja. Essa relação intersubjetiva perpassa a forma com que se constroem as diferentes narrativas, no contexto de relacionamento humano – assim, com Tonani do Patrocínio, que interroga “Quem pode narrar a favela?”, estendemos a interpelação a outros âmbitos da vida acadêmica e social contemporânea – quem pode narrar o ensino de língua e de literatura na educação básica? Quem tem credenciais para narrar a cidade e seus desdobramentos, que passam pelo urbano, arquitetônico, mas também pela forma de os humanos serem e estarem nesse espaçotempo específico e de nele se relacionarem? Quem pode narrar a fragmentação de uma realidade “líquida”, em busca de um nexos que lhe dê um sentido – um, entre vários potencialmente disponíveis aos olhos e visadas conceptuais da Literatura e da Linguística, áreas irmãs com similaridades e dessemelhanças –, como agora o fazemos, sem correr o risco de achatar sentidos ou perder intencionalidades pretendidas por seus autores? Então, cabe a nós apenas criar uma visão panorâmica, com intuito de suscitar o interesse pela leitura desta obra, uma visão que aguce o desejo da leitura.

Para nós resta claro que o que adiantarmos sobre este volume – como um todo ou de suas partes constitutivas – ainda ficará “escorregável”, posto que seus autores o farão bem melhor do que nós, que atentamos apenas para certos aspectos de tantos textos que, considerados em sua face final, de produto de um trabalho intelectual de pesquisa e síntese, subsume parte do seu processo de produção. Assim, pretendemos somente aguçar o olhar, despertar o desejo e convidar cada leitor a travessia² proposta por este número de **Scripta**. Muitas são as trilhas possíveis, em que “o real” se configurará de formas diferentes, conforme os instrumentais de leitura e os interesses diversos com que se acerquem desse objeto de estudo.

Na seção dedicada às Literaturas, por exemplo, estão reunidos estudos que navegam por diferentes literaturas, a brasileira, a portuguesa, a francesa e a inglesa e canadense. Diferentes bases teóricas são trazidas para sustentar os estudos. Pode-se, notar, no entanto, que os textos reunidos na seção se concentram em temas contemporâneos e em abordagens recentes, próprias do século XXI, nos campos das discussões literárias e culturais.

Na seção “Linguística e interfaces”, perfila-se um conjunto de textos que abarcam espectro amplo, mas considerando como parâmetro os processos de significação e de constituição dos enunciados da língua portuguesa. Abordam-se processos intralinguísticos que refletem a constituição da relação intersubjetiva, no ato da enunciação (como a materialização das relações dêiticas; a ordem vocabular como elemento indiciador do modo como se estrutura a informação em textos da esfera midiática,

1 Trata-se aqui de uma livre apropriação da ideia veiculada por Machado de Assis na Advertência que abre os contos de Papéis avulsos, que também está aludida no final do texto.

2 Travessia aqui no sentido rosiano.

entre outros), paralelamente a trabalhos que tematizam processos nos quais, em vez de objeto de estudo, a língua é vista como objeto de ensino – tanto na modalidade presencial quanto na virtual (aspectos constitutivos do ensino linguístico a distância).

Na primeira seção, “Literaturas”, os quatro primeiros artigos se concentram em discussões cujo eixo é a relação literatura e a sociedade, e os espaços sociais marginalizados são colocados no centro das discussões: a prisão, as ruas, as favelas. Abre o volume o texto de Ivete Lara Camargos Walty, “A palavra escrita: entre a lei e a marginalidade” com um estudo das escritas contemporâneas em primeira pessoa, na voz de prisioneiros e põe em cena a escrita, o corpo, a prisão, a lei e a marginalidade em obras das literaturas brasileira e canadense. Alemar Rena em “A cartografia e a pesquisa literária: do gabinete às comunidades e às ruas”, dirige o olhar para esses espaços sociais marginalizados com intuito de discutir as pesquisas de extensão literária e o método cartográfico. Nesse mesmo âmbito estão os trabalhos de Paulo Roberto Tonani do Patrocínio e Valeria Machado e Vinícius Linhares. Tonani do Patrocínio em “Quem pode narrar a favela? Intelectuais e sujeitos silenciados: autoridade e autorização” “tematiza a relação entre intelectual e sujeitos silenciados na cena literária contemporânea” a partir do estudo da obra de Julio Ludemir: **Sorrria, você está na Rocinha**. Valéria Machado e Vinícius Linhares tratam a escrita como “espaço ambivalente e paradoxal” ao estudar os contos “Paulo”, de Graciliano Ramos e “A bela e a fera ou a ferida grande demais”, de Clarice Lispector, tendo como perspectiva a relação entre corpo, espaço e subjetividade.

Os três textos seguintes abordam obras de autores da Literatura Portuguesa (Gonçalo Tavares, Eça de Queiroz, e Sophia de Melo Breyner Andresen) e destacam elementos instigantes das obras desses autores. Vítor Leandro Silva, em “Gonçalo Tavares: o absurdo reencontrado” procura investigar de que forma romances da tetralogia **O reino** reverberam, na contemporaneidade, o tema absurdo inaugurado por Herman Melville, Franz Kafka e Albert Camus. Em “Gente de papel e tinta: a força dos personagens ecianos” Flávia Aninger de Barros Rocha e Alana de Oliveira Freitas El Fahl discute o interesse ainda vigente pela obra de Eça de Queiroz justificados, segundo elas, pela complexidade e singularidade de seus personagens. Tema recorrente na Literatura portuguesa, as navegações são retomadas por Rodrigo Corrêa Martins Machado em estudo sobre a obra de Sophia de Mello Breyner Andresen, num instigante contraste entre **Os lusíadas**, de Camões e **Navegações** da escritora, de modo a discutir a diferença entre a epopeia tradicional e a epopeia moderna.

Em seguida, estão dois estudos voltados para obras e autores da Literatura de Língua Inglesa. Em “O espaço liminar das listas em romances em inglês” Luiz Fernando Ferreira Sá se dedica à aparência “insólita nas coisas e objetos inventariados em listas. em quatro romances **The studhorse man** de Robert Kroetsch, **Waiting for the barbarians** de J. M. Coetzee, **The god of small things** de Arundhati Roy e **City of god** de E. L. Doctorow, com o intuito de analisar como essa estratégia de escrita é uma espécie de “ruptura da linguagem”. Sérgio Luiz Bellei, por sua vez, por meio do conceito de Foucault “*absence d’oeuvre*”, discute em seu “Literatura Itinerante, **L’absence d’oeuvre** e capital simbólico: o caso de Edgar Allan Poe”, a recepção da obra de Poe para exemplificar as viagens que a literatura faz “para outros tempos e lugares” e o modo como, nessas viagens “é afetada por mutações e reavaliações”.

Gabrielle Wittkop e Bataille são os autores franceses escolhidos por Anne Louise Dias, Renata Damiano Rigguini e Ilka Franco Ferrari. Dias em “A escrita como instrumento perverso: um estudo de **La marchande d’enfants** de Gabrielle Wittkop” “desvela os mecanismos perversos de um texto” ao considerar, na obra analisada “a perversão como motivo” da narração. Coloca, desse modo, na cena analítica, o “uso da violência própria à linguagem” para refletir como esse procedimento “engaja” o leitor e o torna “cúmplice das ações violentas”. Rigguini e Ferrari em “**O olhar da História do Olho: notas sobre um objeto lacaniano**” partem da novela de Bataille e a discutem a partir do conceito de objeto *a*, de Lacan.

Os dois últimos textos dessa seção nos remetem novamente à cultura brasileira. Francisco Antonio Romanelli em “Filosofia de botequim”: síncope, samba, a vida e o pensamento popular de Ataufo Alves”, estuda as letras dos sambas do compositor e procura mostrar o quanto elas “eram questionadoras, polissêmicas e sarcásticas,” gerando a chamada “filosofia de botequim”. Fecha a seção o artigo de Aline Leal Fernandes Barbosa intitulado “Atravessar as fronteiras da modernidade: movimentos de transversalidade no contexto europeu e brasileiro.” no qual a autora procura demonstrar que “assistimos contemporaneamente à crescente aproximação entre as esferas culturais, apostando no intercâmbio horizontal em detrimento da verticalização polarizada e sinalizando a necessidade de novos recortes que permitam dar conta da tenuidade das fronteiras entre a chamada alta cultura e a cultura midiática de mercado.”

A segunda seção, “Linguística e interfaces”, trata, numa perspectiva geral, da abordagem enunciativa da língua. Três desses artigos têm, subjacentes, uma metodologia de análise de dados empíricos – “A dêixis pessoal na aquisição de linguagem: uma perspectiva enunciativa”, em que os autores, José Temístocles Ferreira Júnior e Natanael Duarte de Azevedo, dedicam-se à análise de dados longitudinais da aquisição da fala, pelo estudo da relação mãe / bebê e a construção da subjetividade; em “A forma das sentenças téticas anunciativas no português do Brasil”, Paulo Pinheiro-Correa analisa o modo como enunciados apresentacionais (téticos ou categóricos) se organizam, de modo distinto, no português do Brasil e no espanhol (comparando dados de jornais argentinos e brasileiros referentes a um mesmo assunto); em “Definindo o comentário metadiscursivo em uma perspectiva interacionista da Análise do Discurso”, os autores, Gustavo Ximenes Cunha e Paloma Bernardino Braga apresentam sua análise de dois debates eleitorais, buscando conceituar de forma mais acurada o que são e como funcionam os comentários metadiscursivos que, em certa medida, regulam a progressão do discurso – no caso em tela, o discurso político.

Passando para o âmbito da língua como objeto de ensino, a professora Elenice Andersen investiga como se dá o ensino de certas competências leitoras, em “Para o ensino da compreensão leitora em uma concepção de educação cognitiva”. Nele, aborda o tema na perspectiva da educação cognitiva e compara três programas de ensino da leitura (desenvolvidos no Brasil, Portugal e Espanha). Evidencia que tais programas primam pela priorização das competências cognitivas da aprendizagem da leitura, em detrimento dos aspectos emocionais que regem essa aprendizagem. Segundo ela, desconsideram-se, assim, importantes resultados contemporâneos de estudos neurocientíficos sobre a indissociabilidade cognição-emoção.

No âmbito do ensino linguístico na modalidade virtual, Geraldo José Rodrigues Liska aborda as relações que se constituem entre o professor conteudista e o designer instrucional. Em “A atuação do designer instrucional na preparação de conteúdo para o ensino de português a distância”, analisa aspectos do ambiente virtual de aprendizagem (AVA) de determinado curso, bem como os materiais didáticos elaborados, com intuito de perceber o valor que se agrega à formação dos cursistas.

A interdisciplinaridade e o uso de novas tecnologias de informação e de comunicação, TICs, é o tema do artigo “Interdisciplinaridade e conhecimento na sociedade em rede”, em que os autores – os professores Alzira Lobo de Arruda Campos, Álvaro Cardoso Gomes e Antônio Jackson de Sousa Brandão – discutem implicações da escolha do método apropriado para a produção do conhecimento interdisciplinar, demandado contemporaneamente, necessário para atingir o pensar complexo, característico de uma sociedade igualmente complexa e interligada em rede. Discutem a necessária interdisciplinaridade e o “diálogo metódico” para a produção do conhecimento nas ciências sociais e nas humanidades.

A terceira seção é constituída por duas resenhas. A primeira resenha, escrita por Rafael Guimarães Tavares Silva, apresenta a obra organizada por Nabil Araújo intitulada **A crítica literária e a função da teoria: reflexão em quatro tempos** e ressalta sua importância para os estudos literários atuais. Em

“As múltiplas alternativas de Zambra”, a resenhista Rochele Cristine Bagatin, chama a atenção para o caráter ousado da obra **Facsimil: libro de ejercicios**, ou **Múltipla escolha**, na tradução brasileira, cujo gênero literário é indefinido. Ressalta que a obra mescla um tanto de prosa com um pouco de poesia e adquire o formato de uma prova, com alternativas de múltipla escolha.

A quarta e última seção traz duas entrevistas, contemplando a Linguística e a Literatura. Na primeira, Bruno Mazolini de Barros entrevista Jorge dos Reis-Sá, escritor português, e trata de questões acerca do processo criativo e dos romances do autor publicados no Brasil. Na segunda, Sílvio Porfírio da Silva e Josete Marinho de Luce conversam com o professor Dr. Emerson Pietri, professor de Linguística Aplicada da Unicamp, a respeito de aspectos relativos ao ensino de língua materna, tais como: concepções de linguagem e o percurso histórico do trabalho didático do ensino de língua materna no Brasil. O que pretendemos demonstrar com a descrição desse volume de Scripta é que a riqueza dessa edição está na possibilidade de o leitor construir, com base no acesso a textos que correspondam a interesse específico ou ao conjunto de textos que a constituem, reflexões que decorrem de resultados de pesquisa desenvolvida por estudiosos afiliados a importantes instituições acadêmicas brasileiras. Com isso, visamos contribuir para o enriquecimento de discussões que, em diferentes temas e perspectivas, encontram-se na agenda dos Estudos Linguísticos e Literários, como campos de pesquisa, no Brasil e no exterior hoje. Para que esse objetivo seja efetivamente cumprido, o volume passa, agora, às mãos do leitor.

As organizadoras.